

Premissas lefebvreanas para um novo romantismo: a totalidade, os momentos da vida e a Geografia

Resumo

Este artigo busca discutir as premissas lefebvreanas acerca de um novo Romantismo, entendido como retorno ao (e superação do) movimento artístico-político-filosófico surgido na Prússia no final do século XVIII e revisitado por Lefebvre no seu empenho em teorizar sobre a relação entre a totalidade e os momentos da vida na modernidade. O esforço aqui é o de tentar demonstrar que a fundamentação teórico-analítica lefebvreana, ancorada na interpretação da sociedade moderna, da cidade e do urbano, está também relacionada a uma base filosófica ainda pouco discutida entre os geógrafos brasileiros que nele se referenciam. Para tanto, trataremos das asserções gerais do Romantismo e de sua assimilação e seu declínio na teoria geográfica, de modo que possamos compreender o que a releitura lefebvreana pode trazer de inovação/superação a esse respeito e quais as contribuições que esse referencial tem a oferecer à Geografia.

Palavras-chave: Romantismo, Totalidade, Teoria dos momentos da vida, Geografia.

Abstract

LEFEBVRE'S PREMISES FOR A NEW ROMANTICISM: THE TOTALITY, THE MOMENTS OF LIFE AND GEOGRAPHY

This paper seeks to discuss the Lefebvre's premises about a new Romanticism, understood as a return to (and overcoming) the artistic-political-philosophical movement that arose in Prussia at the end of the 18th century and revisited by Lefebvre in his efforts to theorize about the relationship between the moments of life in modernity. The effort here is to try to demonstrate that the Lefebvre's

theoretical-analytical foundation, anchored in the interpretation of modern society, the city and the urban, is also related to a philosophical basis still little discussed among Brazilian geographers who refer to it. For that, we will deal with the general assertions of Romanticism and its assimilation and decline in geographic theory, so that we can understand what the Lefebvre's rereading can bring about innovation / overcoming in this respect and what contributions this reference has to offer to Geography.

Key-words: Romanticism, Totality, Theory of life moments, Geography.

1. Introdução

Desde a renovação crítica da Geografia no Brasil, iniciada na transição entre as décadas de 1970-80, os escritos de Henri Lefebvre têm tido lugar de destaque na estante dos geógrafos brasileiros, afirmando-se como referência central presente em parcela considerável dos estudos geográficos desenvolvidos no país, notadamente entre aqueles dedicados à compreensão sobre a produção do espaço urbano e as dinâmicas da vida social moderna. Todavia, trata-se de uma leitura ainda muito centrada na influência que teve o materialismo histórico em sua obra, apresentando lacunas sobre importantes proposições teórico-metodológicas e temas desenvolvidos pelo autor, evidenciando assim um caminho aberto a novas investigações científicas.

Seja como for, mais recentemente a publicação no Brasil de trabalhos como os de Serpa (2011; 2014; 2019) e Schmid (2012) tem apontado para novas possibilidades interpretativas sobre os escritos lefebvreanos, figurando como importantes contribuições a esse respeito. Trata-se de trabalhos que têm buscado iluminar questões ainda pouco exploradas pela literatura geográfica referenciada em Lefebvre, a exemplo da crise e da necessidade das representações para o exercício teórico e a compreensão das práticas sociais modernas, ou mesmo no tocante à multiplicidade de influências filosóficas presente em sua obra – nem sempre explicitada –, como o diálogo de Lefebvre com a fenomenologia (SCHMID, 2012; SERPA, 2019).

Tendo em vista as questões teórico-epistemológicas mais recentes apontadas sobre os escritos de Lefebvre, este artigo busca discutir as premissas lefebvreanas acerca de um novo Romantismo, entendido como

retorno ao (e superação do) movimento artístico-político-filosófico surgido na Prússia no final do século XVIII e revisitado por Lefebvre no seu empenho em teorizar sobre a relação entre os momentos da vida e a totalidade, baseado na dialética do possível ou nas virtualidades no presente – para usarmos duas expressões caras ao autor. O esforço aqui é o de tentar demonstrar que a fundamentação teórico-analítica lefebvreana, ancorada na interpretação da sociedade moderna, da cidade e do urbano, está também relacionada a uma base filosófica ainda pouco discutida entre os geógrafos brasileiros que nele se referenciam.

Pensamos ser importante ampliar a discussão a respeito das bases teóricas presentes em um dos autores mais lidos e referenciados na atualidade na ciência geográfica para que possamos ter melhor compreensão sobre as contribuições que esse referencial tem a oferecer à Geografia, bem como os seus limites. Não se trata de desconsiderar a sustentação oferecida pelo materialismo histórico à obra de Lefebvre, mas, antes, de ampliar a compreensão sobre a diversidade de influências filosóficas presente nos seus textos. A proposta é, portanto, chamar a atenção para o fato de essa influência, particularmente presente em alguns dos seus livros, passar ao largo nos textos daqueles que o tomam como referência central na Geografia, iniciando um debate a respeito das premissas românticas defendidas pelo autor.

Discutiremos, portanto, neste artigo, as proposições lefebvreanas de inspiração romântica e as possibilidades de sua apropriação pelos estudos em Geografia. Para tanto, trataremos em breves parágrafos das asserções gerais do Romantismo, de sua assimilação e de seu declínio na teoria geográfica, de modo que possamos compreender o que a releitura lefebvreana pode trazer de inovação/superação a esse respeito. O artigo faz, assim, um trânsito discursivo que vai desde as bases fundantes do Romantismo, passando por sua primeira assimilação pela Geografia moderna, para, enfim, empreender uma análise introdutória sobre como os fundamentos românticos foram apropriados por Lefebvre em seus textos e o que isso traz de possibilidades para as pesquisas que o tomam como esteio teórico-metodológico.

2. Notas sobre os fundamentos do Romantismo e sua assimilação pela Geografia

Segundo Rüdiger Safranski (2010), é possível estabelecer um marco para o movimento romântico na Europa tomando a viagem de navio do pastor Johann Herder, em 1769, como seu ponto de partida. Herder, ressalta Safranski (2010), trocou a firmeza da terra pelo movimento do mar – mais do que um jogo de metáforas, o objetivo do pastor prussiano era conhecer o mundo por outras perspectivas e meios possíveis. Herder buscava novas experiências sensitivas, estéticas e interpretativas para o exercício do conhecimento; ele havia percebido que as transformações precipitadas pela emergência da modernidade carregavam consigo problemas de interpretação e representação sobre o mundo – questões que foram agravadas nos séculos seguintes.

Não obstante, o diário de viagem de Herder só foi publicado em 1846, muitas décadas depois, mas outros de seus escritos foram suficientes para encontrar entusiasmos e críticas entre os seus contemporâneos. Kant, por exemplo, reprovou o que denominou de razão contemplativa em Herder, ao passo que também encontrou resistência por parte do pastor prussiano às suas ideias, particularmente na chamada fase crítica de sua obra (SAFRANSKI, 2010).

Enquanto, na sua fase anterior à crítica, escrevia especulações cosmológicas sobre o surgimento do universo, dos sistemas solares e da Terra ou apresentava pesquisas antropológicas, etnográficas e geográficas, Herder sentia-se intelectualmente ligado a ele [Kant]. Era do seu gosto essa admiração diante do mundo visível. Quando, porém, o filósofo de Königsberg começou a calcular os limites da razão e a diminuir o significado da intuição e da contemplação, separaram-se os caminhos. *A Crítica da razão pura* era para Herder um ‘palavreado vazio’ e expressão de um raciocínio estéril. [...] Herder fala da razão viva, em oposição à abstrata. A razão viva é concreta, mergulha no elemento da existência, do inconsciente [...] (SAFRANSKI, 2010, p. 24).

Ao se tentar identificar as principais ideias, proposições e marcos teóricos do movimento romântico, deve-se abordar, inicialmente, aquele que é tido como o seu manifesto mais antigo e bem estruturado: o sistema-programa do idealismo alemão, também conhecido como mitologia da razão, escrito por Hölderlin, Schelling e o jovem Hegel – esse último

mais tarde romperia com os antigos companheiros e com outros autores românticos, acusando-os de proferir ideias pautadas na arbitrariedade e no subjetivismo, para desenvolver a sua própria metanarrativa sobre a história da sociedade (SAFRANSKI, 2010). Segundo Safranski (2010, p.144),

[...] o sensato nessa mitologia devia residir no princípio da individualidade filosófica, ou seja, na suposição de que a sociedade e a natureza são regidas pela mesma razão que o espírito humano. Mas como a razão subjetiva é uma característica da liberdade, todo o processo no qual o homem está envolvido é entendido como análogo à liberdade. Hegel e Schelling mais tarde desdobrarão esse pensamento seguindo caminhos distintos: Schelling com o olhar sobre a natureza, Hegel olhando para a história e a sociedade (SAFRANSKI, 2010, p. 144).

Nos termos defendidos por Safranski (2010), o programa, embora comumente festejado nos círculos acadêmicos, representava não mais do que um projeto pedagógico popular elaborado por três jovens e entusiasmados autores – indubitavelmente impávidos, uma vez que propunham, de partida, nada menos do que uma filosofia universal. Nessa fase ainda inicial do Romantismo, a liberdade e o indivíduo foram elevados por Hölderlin, Schelling e Hegel a categorias filosóficas, enquanto a poesia deveria ser libertada de domínios particulares e ganhar a esfera pública¹.

Hegel, entretanto, não demorou a se afastar do projeto romântico, desviando sua atenção para a construção de uma narrativa filosófica própria, uma fenomenologia de determinação apriorística “[...] que trata de como o espírito age primeiro inconscientemente na natureza e na história para então fazer irromper no homem a consciência de sua liberdade [...]” (SAFRANSKI, 2010, p. 146). Massimo Quaini (2002) reafirma essa proposição citando o próprio Hegel e destacando que ele optou por dar outro caminho à sua obra, deslocando seu olhar para a história universal e a realização do Estado: “[...] a história do mundo representa a ideia do espírito, enquanto ela se mostra, na realidade, como série de formações exteriores’ [...]” (apud QUAINI, 2002, p. 30) – nisso residiria a fenomenologia de Hegel.

Por outro lado, no horizonte espaço-temporal em que primeiro se esboçou e se edificou o Romantismo, encontram-se alguns dos mais expoentes formuladores da Geografia moderna, a exemplo do já citado Immanuel Kant, mas também Karl Ritter e Alexander von Humboldt, autores que participaram ativamente do debate romântico. Foi Ritter,

inicialmente e mais do que Humboldt, que, influenciado pelo Romantismo na primeira metade do século XIX, introduziu na Geografia problemas especulativos sobre os quais se ergueu a ciência geográfica na própria tentativa de explicá-los (BECK, 1979; RITTER, 2015 [1835]; MORAES, 1989).

Ritter, a propósito, foi contemporâneo de Hegel quando lecionou na Universidade de Berlim na condição de primeiro catedrático da disciplina Geografia, tendo sido citado na obra *Lições sobre a Filosofia da História Universal* (MORAES, 1989). Todavia, a despeito de uma possível proximidade entre Ritter e Hegel, Moraes (1989) atribui as primeiras ou as mais fundamentais influências românticas presentes na obra de Ritter aos escritos de outros românticos, Herder e Schelling: “[...] Poder-se-ia mesmo argumentar que a produção ritteriana é um projeto de realização empírica de algumas concepções de Herder, tal a correspondência de propósitos encontrada” (MORAES, 1989, p. 153).

Referindo-se à principal obra de Ritter, Quaini (2002, p. 30) afirma que “Hegel tirou da *Erdkunde* não somente a maior parte do próprio material de informação, mas, também, os mesmos princípios interpretativos[...]”. Princípios interpretativos que, ainda segundo Quaini (2002, p. 30), “[...] estão inseridos no quadro lógico e dialético da filosofia hegeliana[...]”, possibilitando a superação do criticismo kantiano e da separação entre natureza e história. Quaini (2002) reitera, assim, o pensamento de Moraes ao apontar nexos consistentes entre Herder e Ritter e, depois, entre Ritter e Hegel: nexos, esses, tidos pelo geógrafo italiano como a própria superação do pensamento kantiano e de sua Geografia. Essa superação foi reconhecida também por Marx ao atribuir a Hegel a descoberta da essência do trabalho – a mediação histórica e inseparável entre sociedade e natureza.

Não somente em oposição a Kant, mas como negação a todo o Iluminismo – e seu projeto de destino humano fundado na superioridade da razão e no desvelamento lógico do mundo – os românticos formaram um movimento tentando transpor os limites oferecidos por uma doutrina filosófica que propunha uma compreensão compartimentada da natureza e da sociedade. Crescia entre os românticos o interesse por ultrapassar a fragmentação dos momentos da vida e as cisões provocadas pela modernidade entre corpo e espírito, indivíduo e mundo, natureza e sociedade etc., ao passo que também buscava-se reestabelecer o nexo com o desconhecido, tendo como mediação as dimensões sensitiva e mística (SAFRANSKI, 2010).

Em contraposição ao Iluminismo, o Romantismo buscou fundamentar a sua tentativa de reintegrar tudo aquilo que a modernidade separava. Acreditavam os românticos que no ato criativo e nas experiências mística e estética residiriam as mais fecundas possibilidades de reestabelecimento do que foi separado na própria vida cotidiana. Novamente, nas palavras de Safranski (2010, p. 56-57, grifo do autor) encontramos uma boa síntese sobre a perspectiva reintegradora dos românticos, nos ajudando a remontar e compreender melhor a sua filosofia:

Tudo deve ser interligado com o espírito da poesia; os limites da especialização devem ser superados – não só a especialização na área da literatura, quando gêneros literários diversos são misturados; não só a especialização entre as diversas atividades do espírito, quando filosofia crítica e ciência se tornam elementos da própria poesia; o que deve ser eliminado é a separação entre a lógica da vida cotidiana e do trabalho e qualquer outra atividade livre, criativa, do espírito. Hegel, que mais tarde negaria o impulso romântico de sua juventude, chamará essa visão entusiástica de uma união que a tudo abrange de *'uma vertigem dionisiaca, na qual não há nenhum membro que não esteja ébrio'*.

A despeito da oposição dos românticos ao Iluminismo, do consenso sobre o seu surgimento na Prússia e dos seus primeiros formuladores e proposições – matérias sobre as quais parece não haver grandes divergências – o Romantismo como movimento artístico-político-filosófico deve, na verdade, ser compreendido sob uma perspectiva que reconheça as suas particularidades e distintas fases, seja na Europa ou no Novo Mundo. Essa é uma das principais reivindicações de Henri Lefebvre ao propor uma história das ideias do movimento romântico assentada em uma análise diacrônica do movimento em termos espaço-temporais (LEFEBVRE, 2012).

Se na Prússia o Romantismo se formou e se esgotou enquanto movimento ainda na primeira metade do século XIX; se no restante da Europa esteve, via de regra, relacionado em diferentes momentos à formação dos Estados modernos e das Repúblicas; e se na América também tomou suas cores particulares, o seu declínio esteve, em todos os casos, associado à ascensão de um positivismo realista que gradativamente tomava as artes, política, filosofia e ciência (MORAES, 1989; SAFRANSKI, 2010). Desenvolver o eixo desse trânsito epistemológico nos levaria, no entanto, para caminhos mais distantes que não desejamos percorrer por ora.

Assim como defende Lefebvre (2012), segundo Moraes (1989), os diferentes caminhos trilhados pelo Romantismo – ou seja, os principais

problemas e as diferentes soluções filosóficas, políticas e estéticas encontradas entre as diferentes gerações de românticos – são tributários dos próprios momentos em que se encontravam as distintas formações socioespaciais. Trata-se de uma noção emblemática, por exemplo, para se pensar os diferentes rumos que o movimento tomou na Prússia e na França, questão que foi discutida por Lefebvre (2012) ao tratar de um Romantismo cósmico (formulado na Prússia sob uma perspectiva mais místico-idealista) em contraposição a um Romantismo antropológico (de cunho mais materialista e ligado às transformações sociais e históricas pelas quais passavam o Estado e a sociedade franceses no século XIX).

Admitindo as peculiaridades de cada geração, momento e formação socioespacial, é importante, todavia, destacar proposições mais genéricas defendidas pelo movimento romântico, se desejamos construir um entendimento geral do que representou o Romantismo como manifesto e prática social antes de passarmos ao que seriam as premissas lefebvrianas sobre um novo Romantismo. Na verdade, algumas dessas questões serão retomadas, na forma de adesão ou crítica (assumidas e/ou superadas), não só por Henri Lefebvre, mas, também, por outros filósofos que atravessaram o século XX.

Trata-se, pois, de questões encontradas de formas isolada ou combinadas entre si nos escritos dos já mencionados Herder, Hölderlin, Hegel, Schelling e Ritter, mas também em Schiller, Schlegel, Fichte, Tieck, Lovell, Novalis e Burke – pensadores românticos que aparecerão não só nos escritos de Lefebvre (2006, 2009, 2012), mas em autores de distintas correntes filosóficas e com relevante produção no âmbito da teoria social, entre os quais pode-se destacar Nietzsche (2001, 2005, 2007), Benjamin (2013, 2018) e Heidegger (2013), por exemplo.

No esforço de delinear uma síntese sobre as mais importantes proposições presentes em diferentes asserções dos românticos, reconhecendo-se, conforme foi dito, as particularidades de cada autor ou grupo de autores/gerações, pode-se destacar: a importância dada ao jogo e ao lúdico na vida social; a afirmação da intuição e da imaginação como fontes de conhecimento; uma postura de estranhamento e de surpresa diante do banal / do cotidiano; a descoberta e a elevação do sujeito e da liberdade a categorias filosóficas; a historicidade da sociedade e da natureza e sua

inseparabilidade; a necessidade de reestabelecer a unidade dos momentos da vida; o gosto pelo geograficamente distante e desconhecido; a busca por um mito passado e redentor; o fortalecimento de nacionalismos; a estetização da vida; além das manifestações fenomênicas do infinito / do mistério (SAFRANSKI, 2010; LEFEBVRE, 2006, 2012).

As referências aos autores românticos devem, portanto, ser lidas com mais atenção se desejamos compreender como suas ideias influenciaram ou se desdobraram em diferentes propostas que seguiram direcionando o pensamento moderno². No tocante ao sistema teórico-conceitual e metodológico lefebvreano, particularmente no que diz respeito às suas propostas interpretativas sobre a sociedade moderna, a cidade, o urbano e as representações – temas que tanto têm interessado aos geógrafos – é preciso problematizar a influência romântica (assumida ou superada) em alguns conceitos-chave, teorias, método e metodologias adotados pelo autor, entre os quais, totalidade aberta, sociedade urbana, teoria dos momentos da vida, teoria das representações, método progressivo-regressivo, análises triádicas e outros.

Voltando à nossa disciplina, que a Geografia moderna tenha sido primeiro edificada paralelamente e influenciada pelos pressupostos do movimento romântico, não há mais dúvidas, dada a vasta produção sobre o tema³. A questão que se coloca agora é outra: o fato de essa influência aparecer também de forma central e reformulada em um dos autores mais lidos e referenciados na atualidade na Geografia deve ser tratado como uma doce coincidência ou essa influência merece ser problematizada com um pouco mais de atenção pelos geógrafos?

Reescrevendo a questão: os pressupostos românticos podem ainda participar da interpretação do mundo moderno e, particularmente, do espaço produzido pela sociedade moderna na contemporaneidade? A fragmentação dos momentos da vida pode ainda ser interpretada à luz das questões filosóficas levantadas pelos autores românticos? Será que a aderência dos geógrafos à teoria lefebvreana não está, também, relacionada ao fato de esse autor trazer à baila questões sobre as quais, intuitivamente, nunca pudemos nos apartar completamente, mesmo que tenhamos tentado, ao desejar compreender as dimensões espacial da sociedade e social do espaço?

3. Lefebvre e a sua reaproximação com os autores românticos

Assim como Johann Herder, Henri Lefebvre também deixou registrado em textos de viagem sua inquietação com relação às cisões sociais provocadas pela vida moderna e aos rumos tomados pelo *logos* europeu. Os excertos lefebvreanos não foram organizados em um diário de viagem propriamente dito, como os foram os textos do pastor prussiano, mas em esboços de poemas enternecedores e em uma carta que mais tarde seria endereçada ao poeta mexicano Octávio Paz.

Era princípio da década de 1970 e Lefebvre (2006, p.12) regressava de uma excursão à América Latina, “[...] a dez mil metros por cima do oceano [...]”, dizia ele, colocando no papel impressões, medos e esperanças com relação ao futuro. O que se lê na carta de Lefebvre são palavras confidenciais a um amigo, expressando as dificuldades do autor em interpretar os diferentes desdobramentos da modernidade na Europa e na América, revelando de forma direta, sem os enlaces e complexidades dos textos teóricos, o descompasso entre o pensamento de Lefebvre e o marxismo instituído (LEFEBVRE, 2006, 2012; HESS, 2009, 2012).

Essa divergência se fazia sentir há pelo menos uma década. Ainda no final dos anos 1950, Lefebvre escreveu um manifesto intitulado *Hacia un Romanticismo revolucionario*, texto tido como o primeiro esboço daquilo que ele expôs e defendeu mais tarde na sua principal obra⁴, *La somme et le reste*, na qual o autor expressa de forma mais clara as influências românticas que trazia em seus escritos, ainda que os pressupostos românticos apareçam também com grande força em outros de seus livros, como *La presencia y la ausencia* (LEFEBVRE, 2006, 2009, 2012; HESS, 2009, 2012).

Segundo Hess (2009), foi a partir desse descontentamento que Lefebvre se reaproximou dos autores que marcaram a sua juventude, entre os quais destacam-se os expoentes do Romantismo. Ainda na carta, Lefebvre busca sensibilizar Octávio Paz para a importância da obra deixada pelos românticos, tratando particularmente do seu gosto pela poesia de Hölderlin – poeta que, vale lembrar, dividiu a autoria do primeiro manifesto romântico com Hegel e Schelling. Em um trecho da correspondência, Lefebvre chama a atenção de Paz para a relevância do conteúdo presente nas palavras de Hölderlin e o que elas dizem sobre a unidade sociedade-natureza:

Ponho você à altura dos grandes da poesia. Há alguém muito grande que você parece deixar de lado: Hölderlin. Se me ocorre pensar que você, mexicano, que pode confrontar a filosofia do Oriente e do Ocidente, a cultura (como se diz) latina, com a anglosaxônica e a asiática, tem poucas relações com a grande Alemanha dos séculos XVIII e XIX que difundiu com prodigiosidade as obras e os presentes [...] Para ele. Por ele? Hölderlin, poeta-filósofo, se representa livre, absoluta e incondicionalmente, e a natureza finita se lhe apresenta, fora dele, mas diante dele. Sem que haja nem espetáculo e nem fusão, senão comunhão e comunicação, assim, pois, presença. [...] Hölderlin fala da natureza e do sol como você em Pedra do sol, e Nietzsche em Zaratustra (LEFEBVRE, 2006, p. 10-11)⁵.

É interessante notar que outros autores contemporâneos de Lefebvre, a exemplo dos alemães Walter Benjamin (2013, 2018) e Martin Heidegger (2013), também exercitaram um retorno aos românticos e, particularmente, à arte de Hölderlin, ao menos em algum momento de suas obras. Nos casos de Benjamin (2013) e Heidegger (2013), esses autores enxergaram na poesia de Hölderlin soluções estético-filosóficas referentes a duas questões também caras a Lefebvre (2006, 2009, 2012): o reestabelecimento da unidade histórica sociedade-natureza (o trabalho) e a problemática das representações⁶.

Tanto Benjamin (2013) quanto Heidegger (2013) enxergaram na obra de Hölderlin a possibilidade de recuperar uma aura de presença na representação, tornando a representação mais “viva”, tentando compreender e superar as cisões sociais provocadas pela vida moderna também por meio da representação. Para Benjamin (2013), a poesia de Hölderlin permitiria mais facilmente o deslocamento da interpretação do poema e/ou do poeta para o acontecimento poetizado, ao passo que para Heidegger (2013, p. 218) “[...] a explicação do poema deve ambicionar tornar-se supérflua em favor do que é dito poeticamente” – possibilidade oferecida pela estética hölderliniana, segundo o filósofo.

Com Hölderlin (com sua representação e estética) seria possível atingir o poetizado, a vida poetizada – o vivido, diria Lefebvre (2006, 2009, 2012), retomando essa discussão e reconhecendo também na obra do poeta romântico uma solução estético-filosófica para o problema das representações:

O Romantismo quer transcender as representações pela intuição, pela captação direta. Quem tem a intuição? O poeta. O que ele capta? A natureza, a vida. Como? A poesia e os poemas de Hölderlin querem, ao que parece, intensificar a vivência pela palavra, recuperar os presentes da vida e transmiti-los (LEFEBVRE, 2006, p. 156).

Ao lado de Hölderlin, outro autor ganha expressivo destaque nos argumentos lefebvreanos para a construção de sua crítica e teoria das representações: Friedrich Schelling, companheiro de Hölderlin na jornada romântica. Além de elaborar a noção de totalidade aberta, que permeia os escritos lefebvreanos e que será retomada mais à frente neste texto, Schelling foi responsável, ainda segundo Lefebvre (2006, 2009), por formular e desenvolver algumas das mais importantes questões e bases estruturantes para o entendimento do mundo moderno.

Após identificar na filosofia kantiana a impossibilidade de uma operacionalização profícua acerca da relação entre presença e representação e de constatar na filosofia do romântico Fichte a ideia de uma presença inacessível – porque fruto de um *Ego* transcendental⁷ –, foi nos escritos de Schelling que Lefebvre (2006, 2009) encontrou uma teoria mais refinada acerca dessa relação. Lefebvre também observou em Schelling os fundamentos de outros temas sobre os quais se ocupou por décadas e que também podem ser encontrados nas obras da geração que se seguiu aos românticos, a exemplo de Engels e a abordagem materialista da unidade histórica sociedade-natureza, de forte influência schellingiana.

Para Schelling, a Natureza, que se manifesta imediatamente nos corpos e nos sentidos, funda a presença, incluindo a poderosíssima presença dos Mitos, imagens e símbolos que o filósofo reabilita contra o racionalismo árido, junto com a vivência e a feminilidade. [...] É, pois, a Schelling a quem há de se atribuir no pensamento moderno: a) uma filosofia da presença; b) a introdução do inconsciente; c) a reabilitação da vivência, do feminino e do imaginário; d) a limitação do saber pela arte; e) a primazia da Natureza (material) na filosofia. Se sabe, ou mais bem se ignora, que Engels seguiu os cursos de Schelling; que a inflexão reacionária e mística que tomou sua filosofia na última parte de sua vida não impediu sua “influência” em Engels [...] (LEFEBVRE, 2006, p. 158).

Com referência à “inclinação reacionária e mística” do final da obra de Schelling, Lefebvre (2009) retorna essa questão em *La somme et le reste*, de modo a reafirmar as contribuições de Schelling, a despeito dos seus últimos escritos. Todavia, em adição às leituras diretas que Lefebvre fez dos autores românticos – seja de Hölderlin, Schelling ou outro expoente do Romantismo –, vale destacar que a influência da filosofia romântica nos seus escritos deve também ser observada através da assimilação daqueles que fundamentaram sobremaneira o seu sistema teórico-conceitual: Hegel, Marx e Nietzsche (SCHMIDT, 2012; SERPA, 2014; 2019).

Se, por um lado, a história de Hegel se confunde com o próprio movimento romântico, para Safranski (2010), a influência dos românticos sobre a obra de Marx e Nietzsche é também incontestável, seja pela afirmação ou pela superação de sua filosofia. Segundo Serpa (2014, 2019), a articulação entre Hegel, Marx e Nietzsche no sistema teórico-conceitual construído por Lefebvre se justifica pelo fato de esse autor ter enxergado na obra do terno alemão o esclarecimento de dimensões fundamentais do mundo moderno; mundo que seria, portanto, segundo as premissas lefebvreanas, a um só tempo hegeliano, marxista e nietzschiano. Já nas palavras de Schmidt (2012, p. 07),

[...] Lefebvre desenvolve uma figura tridimensional da realidade social. A prática social material tomada como ponto de partida da vida e da análise constitui o primeiro momento. Ela permanece em contradição com o segundo momento: conhecimento, linguagem e palavra escrita, compreendidos por Lefebvre como abstração, como poder concreto e como compulsão ou constrangimento. O terceiro momento envolve poesia e desejo como formas de transcendência [...]. Desta maneira, uma figura dialética tridimensional emerge em que os três momentos são dialeticamente interconectados: prática social material (Marx); linguagem e pensamento (Hegel); e o ato criativo, poético (Nietzsche).

Retornando aos autores de sua juventude e seguindo os passos da tríade alemã, Lefebvre (2009, 2012) passou a tratar o movimento romântico como o velho Romantismo e a lhe contrapor à sua proposta de apropriação e releitura da filosofia romântica, à qual denominou de novo Romantismo. O novo Romantismo, explica Lefebvre (2012, p. 53), “[...] se define contra o velho Romantismo e, sem dúvida, na sua prolongação: como uma renovação de certos temas e a eliminação de outros”. Trata-se, pois, da própria superação dos pressupostos românticos, elevados no movimento dialético a outro nível filosófico de complexidade e de associações temáticas e empíricas.

Lefebvre enxergou nos autores românticos temas e soluções filosóficas intrínsecos à vida moderna sem deixar de reconhecer também seus limites, proposições idealistas e, por vezes, reacionárias, direcionando a elas suas críticas. Cabe agora, diante dos anseios deste artigo, apresentar uma discussão, ainda que introdutória, sobre os fundamentos lefebvreanos acerca de um novo Romantismo e como essa proposta pode dialogar com a teoria geográfica.

4. Notas sobre um novo Romantismo: totalidade, momentos da vida e Geografia

Hemi Hess (2009, 2012) destaca, em linhas gerais, dois pontos centrais presentes no novo Romantismo proposto por Lefebvre (2009, 2012), além de outras asserções de inspiração romântica encontradas também no seu sistema teórico-conceitual: o primeiro diz respeito à ruptura lefebvreaana com relação ao gosto pelo passado, tal como alimentado pela nostalgia romântica (o que se liga na obra lefebvreaana às noções de virtualidades no presente e de possível); o segundo ponto está relacionado ao interesse de Lefebvre pelo fragmento (o cotidiano, o banal), sempre em associação dialética com a noção de totalidade aberta (a soma e o resto que se articulam através da teoria dos momentos da vida).

O primeiro ponto corresponde, portanto, a uma reorientação de perspectiva. O que Lefebvre propõe é uma inversão que desloque a análise e o tratamento teórico do “homem presa do passado” para o “homem presa do possível”. O velho Romantismo, com sua inclinação a um passado nostálgico, idealizado e redentor, havia deixado que o fetiche e a alienação virassem critério de verdade, ao passo que “[...] o novo Romantismo mantém, simultaneamente, a lucidez crítica, o emprego de conceitos e a imaginação e o sonho como investigação do possível” (LEFEBVRE, 2012, p. 56).

Ao abordar a noção de homem presa do possível, o que Lefebvre busca operacionalizar é, portanto, uma dialética do possível, aquela que observa as virtualidades contidas no presente como dados da realidade. Para Lefebvre (2012, p. 62), contraditoriamente, “[...] o possível se opõe ao real e forma parte integrante do real, de seu movimento”. Um novo Romantismo, afirma Lefebvre (2012), deveria adotar, nesses termos, a virtualidade (o possível) como parte essencial do presente.

Se o velho Romantismo recorreu ao passado no intuito de encontrar explicações para as transformações em curso resultantes da modernidade, na esperança de encontrar formas (representações, relações sociais) de reconstruir um mundo idílico, foi para o futuro anunciado que Lefebvre lançou o seu olhar, tentando identificar as virtualidades contidas nos espaços e momentos da vida. A partir desse pressuposto (dessa postura diante do mundo), Lefebvre desenvolveu algumas das suas principais

elaborações teóricas, propostas de método e construção de conceitos-chave, notadamente no que se refere às suas assertivas sobre o devir de uma sociedade urbana.

No tocante ao segundo ponto, correspondente à relação dialética entre os fragmentos da vida (o cotidiano, o banal) e a totalidade aberta, é necessário retornar ao tema do descompasso entre o pensamento lefebvreano e o marxismo instituído e ao lugar que esse último atribuiu aos românticos e, particularmente, a Schelling na teoria social, para que se possa compreender como a teoria dos momentos da vida proposta por Lefebvre se constitui como mediação dessa relação.

Em sua obra mais madura, *La somme et le reste*, Lefebvre (2009) retoma e desenvolve as críticas que havia apontado primeiro no seu manifesto *Hacia un Romanticismo revolucionario* e, depois, em *La presencia y la ausencia* sobre Lukács e em defesa de Schelling. Segundo Lefebvre, Lukács, ao desenvolver uma teoria estética sobre o romance moderno, havia ignorado as nuances de cada contexto nacional, temporal e geracional em que se realizou o Romantismo, assim como outras nuances existentes entre os seus autores ou mesmo internamente à obra de cada autor, generalizando assim suas interpretações acerca do movimento romântico.

Segundo Lefebvre (2009, p. 415),

Lukács considera Schelling como o centro do pensamento filosófico europeu, o que parece justo, embora não exatamente no sentido em que o filósofo marxista faz essa afirmação; levando em conta um fato (a diversidade do pensamento schellingiano, o caráter escandaloso e politicamente reacionário de seu último sistema), ele o interpreta em desvantagem desse filósofo. Ele o responsabiliza pela continuação de eventos político-ideológicos. Essa responsabilidade, na medida em que existe, pode ser atribuída a Schelling mais do que a Hegel?

Conforme explica Safranski (2010), uma das principais controvérsias envolvendo o Romantismo diz respeito à assimilação de alguns de seus pressupostos por parte de ideias e políticas totalitárias que se seguiram na Europa nos séculos XIX e XX, que recorreram a certos elementos abordados pelo movimento romântico na construção de suas narrativas, como a ideia de um passado mítico e de identidades enaltecedoras de nacionalismos ufanistas. Sem poupar críticas aos autores românticos, Lefebvre (2009, 2012) não deixa de reconhecer, por isso, outras proposições do Romantismo que contribuíram sobremaneira para a edificação do pensamento moderno.

Assim, Lefebvre (2009) atribui a Hölderlin e Schelling algumas das mais expressivas influências contidas em sua obra. É de Schelling, por exemplo, que advém a noção de totalidade aberta, intrinsecamente relacionada à ideia dos momentos particulares da vida, e que guiará a formulação de algumas das teorias e conceitos-chave mais importantes de sua obra.

[...] O principal mérito de Schelling foi, portanto, ter desenvolvido a noção de totalidade aberta e a de subjetividade como um desejo pessoal ativo e produtivo. Indo mais longe, foi necessário conceber “o espírito” como sendo constituído no mundo, ou melhor, do Universo, por seu constante esforço de personalização e criando por esse esforço seus campos: arte, amor, atividade individual (LEFEBVRE, 2009, p. 412).

A noção de totalidade aberta se associa (ou pode ser substituída sem prejuízos), no sistema lefebvreano, à noção de homem total, referida pelo jovem Marx. Segundo o próprio Lefebvre (2009, p. 579), “Essa noção, ‘o homem total’, eu a peguei em algumas linhas das obras da juventude de Marx, e depois tentei colocá-la no centro ou no topo do pensamento filosófico (marxista)”.

Essa (re)colocação da noção de homem total no centro do pensamento filosófico de que fala Lefebvre se deu mediante o diálogo com a filosofia romântica e sua noção de absoluto⁸: “A noção de ‘homem total’ ficaria, portanto, situada no nível da antiga noção de absoluto, mas dialetizada. Se eliminarmos completamente o absoluto, cairemos no puro relativismo. [...] O absoluto, dialeticamente, não está localizado além do relativo, mas no relativo” (LEFEBVRE, 2009, p. 580). O relativo de que fala Lefebvre diz respeito, portanto, aos momentos da vida, com suas particularidades e dinâmicas próprias, mas que se articulam e se realizam indissociavelmente à/na totalidade (aberta) da vida.

Trata-se, portanto, de uma influência romântica acerca de uma noção de totalidade que dialoga incessantemente com os momentos da vida, o cotidiano e a noção de natureza (material) indissociável da sociedade, abordados por Schelling. Segundo Lefebvre (2009, p. 634),

A vida humana (a práxis do homem, sendo a um só tempo individual e social) não tem outros elementos ou atributos elementares além daqueles que emergem nas origens da vida e da natureza material: a luta, o jogo, a alimentação, o amor e reprodução, o descanso. Tomemos dialeticamente o significado da palavra “natureza humana”. Não existe, nem para o homem em geral, nem para o indivíduo

em particular, uma natureza fixa, uma essência rigorosamente determinada, uma espécie de pré-formação biológica do que ele pode e deve se tornar. Todo homem já é - virtualmente - toda a natureza. Ele deve apenas reconhecer e aproveitar as possibilidades. Embora tais possibilidades estejam mais próximas que outras, e existam tendências ou dons, essa "essência" dada representa apenas o acesso de tal e tal caminho a uma existência mais total.

Valendo-se dessa noção de totalidade e vinculada a ela, Lefebvre apresenta de forma mais sistematizada sua teoria dos momentos da vida em *La somme et le reste*, embora também a aborde no último capítulo de *La presencia y la ausencia* intitulado *A obra*. Sempre associados à noção de totalidade e de obra, os momentos da vida devem, segundo Lefebvre (2006, 2009), fundamentar as particularizações antropológicas do sujeito e/ou das sociedades (identidades?) sem que se perca de vista sua relação indissociável com a totalidade aberta, em movimento (HESS, 2009; LEFEBVRE, 2006, 2009).

Nenhuma obra – nem a obra de arte propriamente dita, nem a cidade e a segunda natureza, etc. – pode realizar-se sem reunir todos os elementos e momentos, sem construir uma totalidade. Assim, em toda obra encontramos um momento técnico e um momento do saber, um momento do desejo e um momento do trabalho, um momento do lúdico e um momento da seriedade, um momento social e um momento extrasocial, etc. As capacidades, obra em potência, deixam de ser criadoras quando se tornam autônomas; já não podem mais do que produzir e reproduzir as condições de sua autonomia [...]. O que é só econômico, tecnológico, lúdico, cotidiano, etc., não pode sair da representação e dos produtos, e se afasta da obra (LEFEBVRE, 2006, p. 244).

O que Lefebvre busca com essa teoria é, portanto, superar a noção de uma totalidade que anula o sujeito, seus momentos, suas particularidades e contradições. Para Lefebvre (2009), a investigação sobre a vida moderna deve levar em conta, a um só tempo, um sujeito que é individual e social, que participa das particularidades da vida e de sua totalidade. Assim, essa realização sócio-individual deve se dar na relação dialética entre a totalidade e os momentos do jogo / do lúdico; do trabalho; do descanso, da justiça; da poesia; da alimentação; da presença e da ausência; do cotidiano e do não cotidiano; da centralidade etc. – cada qual com suas particularidades –, através da qual se relacionam práticas, necessidades e dimensões humanas como a memória; a comunicação/representação; conjunturas e estruturas; alienação e liberdade; temporalidades e espacialidades etc. (HESS, 2009; LEFEBVRE, 2009).

Pensando nessas questões e nas possibilidades de articulações com a teoria geográfica, caberia aqui, por ora, neste artigo introdutório e que inicia uma discussão sobre os pressupostos românticos em Lefebvre, apresentar mais questões do que respostas para as pesquisas em Geografia. Tentando responder a alguns dos principais pressupostos levantados pela filosofia romântica – problemas especulativos que se associavam às relações sociedade-natureza, finito-infinito, espírito-corpo, estética-científica, totalidade-fenômeno, representação-escala, forma-matéria, entre outros (MORAES, 1989) – a Geografia se estruturou como disciplina moderna, conforme foi visto na primeira seção deste texto. Agora essas questões retornam metamorfoseadas no próprio movimento da sociedade moderna na contemporaneidade, devendo, portanto, ser analisadas a partir de reformulações de temas e abordagens nas pesquisas em Geografia.

Pensando nas proposições lefebvreanas e nas possibilidades de sua assimilação pela Geografia, cabe perguntar: As particularizações antropológicas do sujeito e das sociedades de que fala Hess (2009, 2012) são, também, geográficas? De que forma? Quais as contribuições que uma Geografia de inspiração lefebvreana pode oferecer para uma investigação acerca da relação dialética entre a totalidade aberta (em movimento/transformação) e os momentos que particularizam a vida das sociedades e dos indivíduos? Há como dissociar a ideia de momentos da vida da ideia de espaços da vida? Ao falar em momentos da vida, não estaria Lefebvre se referindo às diferentes temporalidades e espacialidades da vida, isto é, às múltiplas experiências do tempo-espaço, em suas distintas escalas e possibilidades objetivas e subjetivas de realização da sociedade?

Se Hess (2012) está correto ao dizer que *La somme et le reste* corresponde à obra de maior importância de Lefebvre, se nela o filósofo se esforça em associar temas que desenvolveu ao longo de décadas, sistematizando-os segundo uma teoria robusta, e se os geógrafos viram em Lefebvre um autor capaz de dar explicações consistentes acerca dos problemas abordados pela Geografia nas últimas décadas, é necessário se perguntar, após essa breve apresentação dos pressupostos românticos assimilados, defendidos e superados pelo autor, o que significaria uma abordagem geográfica dessa relação entre os momentos da vida e a totalidade aberta? Essas são algumas questões que abrem uma agenda de pesquisa.

5. Considerações finais

Os românticos formularam algumas das mais importantes questões sobre as quais a Geografia vem se ocupando de diferentes formas desde os seus tempos mais remotos e que foram reformuladas nas suas reviravoltas epistemológicas tentando acompanhar o próprio movimento histórico da sociedade moderna. O papel do lúdico nas sociabilidades cotidianas; a importância da imaginação na previsão (possibilidades) dos cenários socioespaciais; a apreensão subjetiva do mundo; a historicidade da sociedade e da natureza e sua inseparabilidade; os modos de manifestações dos fenômenos no espaço; os nacionalismos que florescem aqui ou acolá e seus desdobramentos etc. se constituem, assim, em alguns temas que têm acompanhado a preocupação dos geógrafos ao longo de sua história.

Essas são questões abertas no/pelo movimento histórico e sujeitas a novas interpretações teórico-metodológicas, conforme já dito. Nessa perspectiva, este artigo busca, assim, apresentar alguns caminhos como possibilidades a serem trilhadas, seja através do aprofundamento do entendimento teórico sobre a influência dos românticos na obra de Lefebvre e sua proposta de superação, inscrita na proposição de um novo Romantismo – questão apenas esboçada nestas breves páginas –, ou através de um exercício de pesquisa empírico, tal como realizou o próprio Hess (2009) sob uma orientação filosófico-antropológica, em que as formulações lefebvrianas sobre os momentos da vida possam ser associadas e verificadas à luz da teoria geográfica e de suas contribuições acerca das dinâmicas espaciais da sociedade.

Ainda introdutório, a intenção deste texto é tão somente contribuir para ampliar a compreensão sobre a diversidade de influências filosóficas presente em um dos autores mais lidos e referenciados da Geografia, iniciando, particularmente, um debate acerca da assimilação do Romantismo (e sua superação) por Lefebvre em seus escritos e como essa questão pode ser articulada pela teoria geográfica. Trata-se, portanto, de reflexões que apontam para novos temas e caminhos teórico-metodológicos na investigação acadêmica.

Notas

- ¹ O manuscrito publicado em uma coletânea de textos de Friedrich Schelling (1979) apresenta uma ética romântica fundamentada a partir de três ideias-chave: a ideia de *mim mesmo*, a ideia da *obra humana* e a ideia de *beleza*. Essas ideias se articulam entre si trazendo para o centro do debate a individualidade do sujeito e de sua liberdade.
- ² Seligmann-Silva (2018), na introdução à tese de Benjamin, apresenta uma extensa lista de autores que mostraram interesse pelo Romantismo em diferentes momentos do século XX, sobretudo no tocante à teoria da linguagem, tema que interessou também a Lefebvre. Por outro lado, pensando nesses interesses sobre a filosofia romântica, é interessante perceber que a investigação do simbólico como método de análise, formulada pelos românticos, conforme destaca Torres Filho (1979), teve também repercussões epistemológicas na ciência. Na Geografia, por exemplo, esse foi um caminho metodológico que ganhou força nas pesquisas a partir da década de 1990.
- ³ Moraes (1989), a título de exemplo, elenca uma série de autores – entre eles, Ratzel, Vallaux, Reclus, Schaefer, Sorre e Claval – que enxergam nas contribuições de Ritter e Humboldt os primeiros fundamentos filosóficos da Geografia moderna, associando esses fundamentos ao movimento romântico. Por outro lado, a pesquisa de Sousa, Jesus e Santos (2019) tem também demonstrado a influência do Romantismo no ensino e na publicação de livros de Geografia no Brasil na segunda metade do século XIX.
- ⁴ Livro menos citado entre os geógrafos brasileiros, é tido por um dos seus alunos mais próximos, Hemi Hess, como a principal obra de Lefebvre. Nas palavras de Hess (2012, p. 18, tradução nossa): “Como se pode ignorar *A soma e o Resto*, que é, para os que conhecem a obra (mas como se dizer filósofo ignorando essa obra?), uma das mais importantes da Filosofia do século XX? Figura no livro *Os 25 livros-chave da Filosofia*, publicado por Marabout para a leitura nos liceus [...] [*A soma e o resto*] é para Henri Lefebvre o que *Ser e Tempo* é para Heidegger ou *O Discurso do Método* para Descartes, etc”.
- ⁵ A partir de agora, são nossas as traduções de todas as citações dos textos originalmente publicados em francês e espanhol.
- ⁶ No tocante a Benjamin (2018), seu interesse primeiro assentou sobre as obras de Schlegel e Novalis, filósofos que, segundo ele, haviam superado os limites colocados pela filosofia de Fichte no âmbito da teoria do conhecimento. Lefebvre (2006, 2009, 2012), por outro lado, parece ter dado maior atenção às obras de Schelling e Hölderlin. Essa questão é discutida na próxima nota.
- ⁷ A tese de doutorado de Benjamin também reconhece a questão levantada por Lefebvre, pois consiste em um esforço em demonstrar os limites colocados pelo pensamento de Fichte à teoria do conhecimento, bem como as contribuições de Schlegel e Novalis para a superação de tais limites. Em linhas gerais, Benjamin (2018) se concentra na noção romântica de *reflexão* para discutir até que ponto a filosofia e a arte de Schlegel e Novalis seguem Fichte e em que momento eles se separam. Segundo Benjamin (2018) Fichte define duas formas relacionadas de ação do Eu: a *reflexão* e o *pôr* (um pôr-se que se realiza como pondo. Um “sendo”, diria Heidegger?). Todavia, segundo Fichte, a representação colocaria um limite ao pôr e, por consequência, à reflexão. Na representação o Eu se realizaria por completo, segundo Fichte. Para Benjamin (2018), Schlegel e Novalis seguem caminhos distintos ao de Fichte ao conceber a reflexão como um conectar-se infinito: é o pensamento que vai articulando outros pensamentos até que uma escolha consciente decida colocar-lhes um limite. “O pensamento romântico supera ser e posição na reflexão. Os românticos partem do simples pensar-se-a-si-mesmo como fenômeno; o que é apropriado para tudo. Para Fichte, um si mesmo cabe apenas ao Eu, isto é, uma reflexão existe apenas e unicamente correlata a uma posição” (BENJAMIN, 2018, p. 38).
- ⁸ Segundo Schelling (1979, p. 50), a essência do absoluto seria um produzir: “Aqui não há antes e depois, não há um sair do Absoluto para fora de si mesmo ou passagem ao agir; ele mesmo é esse agir eterno, pois faz parte de sua ideia que ele também é imediatamente por seu conceito, sua essência é para ele também forma, e a forma é essência”.

Referências

- BECK, Hanno. **Carl Ritter**: 1779-1979. Berlim: Inter Nations, 1979.
- BENJAMIN, Walter. Dois poemas de Friedrich Hölderlin: “Coragem de poeta” (Dichtermut), “Timidez” (Blödigkeit) [Tradução de Mário Luiz Frungillo]. In: **Teresa**, Revista de Literatura Brasileira [12|13], São Paulo, p. 584-603, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. [Tradução, introdução e notas de Márcio Seligmann-Silva]. 3. ed. 5. reimpr. São Paulo: Iluminuras, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. **Explicações da poesia de Hölderlin** [Tradução de Cláudia Pellegrini Drucker]. Brasília: Editora UNB, 2013.
- HESS, Rémi. **Henri Lefebvre et la pensée du possible**: Théorie des moments et construction de la persone. Paris: Ed. Economica, 2009.
- HESS, Rémi. Apresentação. In: LEFEBVRE, Henri. **Hacia um romanticismo revolucionario**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2012. p. 9-24.
- LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx e Nietzsche ou o reino das sombras**. Trad. Rafael Gonçalo Gomes Felipe. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. Contribucion a la teoria de las representaciones. Mexico. Fondo de Cultura Económica, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **La somme et le reste**. Paris: Ed. Economica, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. **Hacia um romanticismo revolucionario**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2012.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: Editora Hucitec/EDUSP, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência** [Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. [Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. [Tradução e notas de Mario Ferreira dos Santos]. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

RITTER, Karl. **Geographie Generale Comparee, ou Etude de la Terre dans ses rapports avec la Nature et avec l'Histoire de l'Homme et a l'enseignement des sciences phisiques et historiques**. (Vol.1). Londres: FB&C Ltd, Série Forgotten Books, 2015. [Paris, Paulin Editor, 1835].

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo**: uma questão alemã. Tradução de Rita Rios. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SHELLING, Friedrich. **Obras escolhidas**. [Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho]. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP**, São Paulo, v. 32, p. 89-109, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A redescoberta do Idealismo mágico. In: BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. [Tradução, introdução e notas de Márcio Seligmann-Silva]. 3. ed. 5. reimpr. São Paulo: Iluminuras, 2018. p. 9-14.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SERPA, Angelo. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da Geografia. **GEOUSP**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, set/dez 2014.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SOUSA, André Nunes de; JESUS, Marcus Henrique de.; SANTOS, Mariana Loyola. Para entender as críticas de uma geração: o ensino da Geografia entre a Europa e o Brasil no século XIX. In: SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Org.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 143-167.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Schelling (1715-1854): vida e obra. In: SHELLING, Friedrich. **Obras escolhidas**. [Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho]. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. III-XIV.

Recebido em: 09/06/2020

Aceito em: 28/09/2020